

As mulheres sem nome do Antigo Testamento

Margaret Mowczko

A filha de Jefté, a esposa de Manoá, a mãe do rei Lemuel, o Velho Testamento está cheio de mulheres cujos nomes não são mencionados. Eles geralmente são identificados apenas por seu relacionamento com um homem. Muitas vezes fico irritada quando leio uma história do Velho Testamento que mostra uma mulher sem referência ao seu nome. Por que os autores do Antigo Testamento omitem os nomes dessas mulheres? Será que não eram importantes o suficiente para serem nomeadas? A Bíblia está minimizando a importância de suas personagens femininas? O Antigo Testamento promove uma sociedade na qual o serviço às mulheres é relegado ou ignorado? Para responder a essas perguntas, é necessário deixar de lado a cosmovisão moderna e entrar no mundo das mulheres anônimas do Antigo Testamento.

Na sociedade atual, o individualismo é valorizado e nossas identidades são representadas por nomes que nos identificam como pessoas únicas. Frequentemente, carregamos cartões com nossas informações de identificação. Nossa identidade é baseada no indivíduo e nossos nomes exclusivos representam cada um de nós. Quando queremos homenagear alguém por uma conquista, colocamos seu nome publicamente em placas, manchetes de notícias ou em assinaturas. Ao fazer o mundo ver seus nomes, nós os honramos, mas sempre como indivíduos independentes.

Mas a cultura do Antigo Testamento não era individualista. Como em muitas sociedades orientais da atualidade, a identidade baseava-se na família e no clã ao qual se pertencia. Todas as pessoas, mas especialmente as mulheres, dependiam de sua família extensa para apoio mútuo, proteção e, em muitas ocasiões, para sua própria sobrevivência. A família, que estava representada pelo patriarca, era a identidade que importava. Os indivíduos não buscavam reconhecimento pessoal, mas sim honrar suas famílias. A dinâmica da honra e da vergonha estava intimamente ligada a essa cultura patriarcal voltada para a família.

No mundo do Antigo Testamento, a honra era a força subjacente que motivava e impulsionava os comportamentos sociais. Tudo o que homens e mulheres faziam

podia trazer honra ou vergonha para o nome da família, mas havia padrões diferentes com base no gênero. Acreditava-se que os homens possuíam honra por padrão e também eram responsáveis por proteger a honra de suas famílias. Mediante a participação em discursos públicos, ações corajosas e ousadas, ou por ter uma família com boa conduta, um homem ganhava prestígio e honra para sua família. Por outro lado, a mulher era vista principalmente como uma fonte potencial de vergonha. Ela trazia honra evitando trazer desonra para sua família. Isso foi conseguido por meio da castidade sexual, fertilidade, submissão, comportamento calmo e permanecer longe dos olhos do público.

A mulher ideal descrita em Provérbios 31 é um exemplo feminino que honra ao seu marido e a sua família. Seu trabalho árduo e ações sábias têm influência direta na honra e no respeito de seu marido e de sua família (Provérbios 31: 11-12, 23, 28). Na Septuaginta, não é a mulher, mas seu marido que recebe elogios públicos nos portões da cidade (Provérbios 31:31). Esta mulher é elogiada por trazer honra para sua casa. Surpreendentemente, ela não só consegue isso por meio de sua castidade ou obediência, mas por meio de seu trabalho árduo e caráter exemplar. Sua história é uma entre muitas que sugerem que as restrições de gênero de uma cultura patriarcal não são o ideal de Deus.

Embora o povo de Deus vivesse em uma cultura patriarcal baseada na honra e na vergonha, onde as mulheres tinham poucas liberdades sociais, nenhum autor do Antigo Testamento afirma que esse tipo de sociedade seja o ideal de Deus. O tratamento que Deus deu às mulheres não estava limitado pela cultura.

Os relatos de Gênesis mostram que o domínio dos homens sobre as mulheres é o resultado direto do pecado que entrou no mundo (Gênesis 3:16). Homens e mulheres foram feitos à imagem de Deus (Gênesis 1:27; 5: 1-2). Como portadores da imagem de Deus, homens e mulheres compartilham a dignidade que vem de refletir a divindade. A Bíblia também diz que homens e mulheres foram criados para dominar a criação de Deus (Gênesis 1: 26-28). Além disso, em nenhum ponto é sugerido que os humanos foram originalmente criados para dominar outros humanos.

Apesar dos padrões da sociedade patriarcal, Deus não necessariamente usou pais ou maridos como mediadores de Sua palavra às mulheres. Deus falou diretamente ou às vezes enviou mensageiros angelicais para se comunicarem diretamente com as mulheres. Foi o que aconteceu quando Deus se comunicou com a esposa de Manoá (Juízes 13); com Rebeca (Gênesis 25) e com Hagar (Gênesis 16). Ele até usou mulheres como Débora (Juízes 4), Hulda (2 Crônicas 34: 22-23) e as

carpideiras (Jeremias 9: 17-24) como meio de comunicação com os homens.

A Bíblia nunca apoia a caracterização cultural das mulheres como pouco mais do que fontes de vergonha. Em vez disso, muitas mulheres são descritas como sábias, inteligentes, corajosas, engenhosas e empreendedoras. Elas serviram como profetisas, professoras, conselheiras, líderes, libertadoras e até heroínas. Considerando a cultura do Antigo Testamento, é notável que tantas mulheres sejam mencionadas e muitas delas são nomeadas. Algumas mulheres na Bíblia, mencionadas pelo nome ou não, não se enquadram no estereótipo culturalmente aceito de uma mulher privada, passiva e submissa. Em vez disso, elas desafiaram suas culturas e suas autoridades, e nisso não encontramos censura no texto. Deus sempre escolheu mulheres para desempenhar papéis significativos em Sua história, algo que Ele continua fazendo hoje.

Através dos meus olhos ocidentais, as mulheres sem nome pareciam sem importância, como se não fossem valiosas ou tivessem sido ignoradas. Mas os autores do Antigo Testamento perceberam que Deus interage com algumas mulheres como indivíduos, e que as ações e palavras dessas mulheres eram notáveis e importantes, o suficiente para incluí-las na Sagrada Escritura. Não me sinto mais frustrada por não conhecer seus nomes, porque agora sei que elas foram reconhecidas, identificadas e elogiadas de forma apropriada para sua cultura. Estamos fazendo o mesmo em nossa sociedade hoje?

Deus usa todos os tipos de pessoas, as comuns e as extraordinárias, dentro de suas diferentes culturas, para criar novas histórias nas quais Deus pode revelar Sua graça e misericórdia, bem como trazer sua justiça e libertação. Estamos identificando ativamente as mulheres que Deus está usando atualmente em Seu serviço vital? Assim como somos encorajados pela fé, iniciativa e coragem das mulheres no Antigo Testamento, devemos identificar as mulheres no ministério hoje e contar suas histórias. Parte de nossa história pode consistir em influenciar positivamente nossa sociedade. Devemos mostrar e promover os valores bíblicos de igualdade, misericórdia e justiça para todas as pessoas, independentemente de raça ou sexo.

Fonte: <https://www.cbeinternational.org/resource/article/mutuality-blog-magazine/shame-unnamed-women-old-testament>